

Infância e cultura lúdica em relação à cultura midiática

Ruth Andrade de Norões Brito¹

Orientador: Alexandre Santiago

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. METODOLOGIA	4
6. BREVE HISTÓRICO DA INFÂNCIA.....	4
6.1. MUNDO MEDIEVAL E INFÂNCIA	5
6.2. PERÍODO MODERNO E A INFÂNCIA	6
6.3. SÉCULO VIII E A INFÂNCIA.....	7
6.4. INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE	7
7. CULTURA MIDIÁTICA E CRIANÇA.....	8
8. CUIDANDO DA INFÂNCIA.....	9
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	9
10. REFERÊNCIAS.....	10

¹ Graduanda em Comunicação Social com Habilidade em Publicidade e Propaganda na Universidade 7 de Setembro – ruthanbrito@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma compreensão do termo infância desde a idade média até a contemporaneidade, partindo então para o conceito de cultura midiática, cultura lúdica e como esses eles se relacionam com o sujeito criança. O objetivo é incitar uma reflexão sobre a relação das crianças com as tecnologias e as consequências desse contato. Nesse primeiro momento foi utilizado o método bibliográfico a partir de capítulos de livros e artigos. Concluímos que, a infância e o brincar são de extrema importância pelo seu caráter de invenção, criação e curiosidade afetando diretamente na transição da criança em adulto.

Palavras-chave: Criança. Infância. Cultura lúdica. Cultura midiática.

1. INTRODUÇÃO

Fui criada por uma família de classe média, morei em um condomínio cheio de crianças e todas muito simples. Quando eu tinha quatro anos, nos mudamos de apartamento para um bairro mais burguês e novos desafios surgiram, pois não havia outras crianças para brincar, mas sempre tive por perto minha irmã, apenas 1 ano e 10 meses mais velha.

O fato de não ter amigos no prédio era superado a cada dia com as mais diversas brincadeiras, inventadas a partir de tudo e qualquer coisa. Assim, nossa criatividade era sempre estimulada, e, acho que também por isso, hoje em dia somos excelentes em resolver problemas e achar saídas alternativas.

Fomos crescendo e, em paralelo, a presença da tecnologia foi sendo cada vez mais forte no nosso cotidiano. Tivemos acesso à internet em casa com 10 anos, celular só aos 12 e era dividido para as duas.

Compartilham comigo cada vez mais casos de crianças de 2 ou 3 anos – ou mais novas – que têm seu próprio tablet para assistir filmes, ou crianças da mesma faixa etária que já possuem perfis nas redes sociais, ainda que não sejam administrados por elas. Há, ainda, pais que induzem os filhos desde muito novos a serem “youtubers” ou “digital influencers”, mas são crianças!

Tudo isso me deixa muito surpresa e, por mais que eu seja jovem e tenha acompanhado essa evolução da tecnologia, penso muito nas consequências desse contato intenso e precoce com ela.

A temática é semelhante a algumas coisas que vimos em diversas disciplinas, mas principalmente em Teoria da Comunicação e Cibercultura, que trabalhavam a ideia de aldeia global, tecnologia e relações da comunicação. Na disciplina de Psicologia aplicada à Publicidade, entendemos um pouco sobre a relação entre publicidade e crianças, ocasião na qual assisti *Criança – a alma do negócio* pela primeira vez.

Gostaria que o meu trabalho contribuísse para que possamos rever essa relação entre tecnologia e infância, para que as crianças de hoje não tornem o mundo um *Black Mirror* de verdade.

A tecnologia vem ajudando a publicidade a explorar novas possibilidades de divulgação de produtos e ideias. Apesar de ser uma ferramenta útil das mais diversas formas, até onde essa intensa participação em nossas vidas é saudável? Acredito que o principal objetivo seja procurar compreender as causas e consequências do contato com a tecnologia ainda na infância.

O contato com a tecnologia traz malefícios para a criança? Esse contato prejudica o desenvolvimento da criança? A criatividade continua sendo estimulada? Se sim, de que forma? Crianças de diferentes classes sociais têm diferentes experiências com esse contato? Até que ponto o contato foi por iniciativa dos pais, para ficarem mais tranquilos em algum momento, e até que ponto foi insistência dos filhos? As crianças se tornam mais consumistas? Elas se sentem mais estimuladas a uma espécie de competição relacionada aos aparelhos eletrônicos? Ter acesso à tecnologia ajuda com que as crianças tenham acesso à informação mais cedo?

O Objetivo do artigo é investigar as consequências do contato contínuo das crianças com a publicidade e as TICs.

O contato com as TICs e a publicidade pode ser prejudicial para as crianças caso não haja um limite de uso e o acesso a esses meios seja realizado sem a supervisão dos pais? A família busca que a criança se ocupe de forma a trazer menos preocupação ou esforços para quem cuida. O estímulo à criatividade é limitado, pois essas formas de comunicação trazem o conteúdo pronto, necessitando apenas da visão, da audição e um pouco do tato ao manusear os aparelhos eletrônicos. Crianças

cujo contato com TICs e a publicidade é nenhum, ou reduzido, têm mais facilidade de lidar com suas próprias dificuldades e resolver os problemas.

5. METODOLOGIA

Pensando em classificação de pesquisa e uso de metodologias, é preciso primeiramente compreender que a minha pesquisa, quanto à área de conhecimento, se enquadra em ciências humanas, pois trata sobre comportamentos, características e tendências de pessoas, especificamente adultos, que são os pais das crianças que têm mais ou menos contato com a tecnologia.

Segundo seus objetivos mais gerais, a pesquisa se adequa ao caráter de exploratória, a qual, de acordo com Antônio Carlos Gil (2010, p. 27), “[...] têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Utiliza levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências e análise de exemplos. Ou seja, estuda teorias tendo um referencial teórico como base e soma isso ao contato com os sujeitos pesquisados para tentar compreender como se dá aquela realidade.

Será preciso restringir o número de sujeitos; para isso, o estudo de caso será adequado. Ainda segundo Antônio Carlos Gil (2010, p. 37): “[...] consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Porém, o mesmo autor coloca que há uma certa fragilidade nesse método se a pesquisa não for realizada com tempo e cuidado.

Fiquei bastante interessada também em ter a experiência de pesquisa-ação, que se propõe a pesquisar e transformar aquilo em uma ação social. Quão incrível seria pesquisar e confirmar algumas hipóteses que trazem um peso negativo para a relação das crianças com as tecnologias, e com isso estimular os pais a determinarem melhor esses limites de uso e contato. Gostaria muito que o trabalho fosse além, tornando-se uma alavanca para a mudança social.

6. BREVE HISTÓRICO DA INFÂNCIA

Fazer um resgate histórico do que é compreendido como infância é um trabalho desafiador e que deixa lacunas, pois facilmente pode-se cometer anacronismos ao se

debruçar sobre as realidades, além de não ser uma tarefa fácil buscar esse resgate materialmente, em registros, documentos e dados sociais.

O professor titular de História Social e Econômica na Universidade de Nottingham, Colin Heywood, escreveu *Uma história da infância*, obra que trouxe o caminho percorrido pela compreensão do termo infância e, a partir da sua visão de adulto, as dimensões da vivência do sujeito criança.

Até 1950, poucos eram os historiadores que estudavam sobre a infância – era um campo, segundo Colyn Heywood, quase virgem. Constatase que o interesse limitado pela infância vem desde o período pré-industrial. Essa literatura publicada em 2004 nos guiará para tentar refazer esse trajeto, objetivando assimilar primeiro como o sujeito da pesquisa era entendido na sociedade. Ainda pretende-se, em trabalhos posteriores, tentar perceber e registrar como esse próprio sujeito se enxerga.

6.1. MUNDO MEDIEVAL E INFÂNCIA

Desde a Idade Média – período que data aproximadamente do século V ao XV –, as concepções de infância variam de acordo com as civilizações. O filósofo David de Archard (1993, p. 17) fez a diferença entre *conceito* e *concepção* da infância, colocando que o conceito de infância é compreender que há uma distinção das crianças em relação aos adultos, e a concepção da infância especifica como e quais são essas formas de distinção.

O francês Phillipe Ariès foi autor do livro *História social da criança e da família*, obra que, apesar de dividir as opiniões entre outros autores, percebe a infância como algo socialmente construído, longe de ser “natural”, como alguns defendiam.

Essa é a visão que desejo compreender ainda mais, entendendo a criança como fruto de seu contexto social e das variáveis a que está sujeita, como localização geográfica e social, constituição da família, formas de educação, relações de consumo.

Na referida obra, Àries afirma que o Mundo Medieval ignorava a infância e não apresentava qualquer “consciência da particularidade infantil”. Logo cedo, entre os 5 e 7 anos, as crianças já começavam a exercer algum ofício, vivenciando essa experiência com os adultos. O autor cita posteriormente que as responsabilidades para o trabalho eram niveladas à idade. Ele firmava que as crianças eram percebidas

como adultos em menor escala, imperfeitos, e não era constatada uma fase de transição entre a infância e a idade adulta.

Era evidente a superioridade da meia-idade em relação às crianças e aos velhos, que estariam distantes do termo moral ideal de ser adulto. Como se a vida adulta fosse a fundamental e a infância apenas uma preparação para tornar-se um ser maduro. O elemento fundamental de opção e experimentação da infância era pouquíssimo evidente, limitando assim a vivência da criança no mundo.

Alguns autores criticavam a obra de Ariès por centrar no presente e, ao não achar indícios da concepção da infância na Idade Média, concluir que não existia concepção alguma. Porém, a historiadora Doris Desclais Berkvam trouxe a possibilidade de que a consciência da infância era tão diferente da nossa que não conseguimos sequer reconhecê-la.

Outra colocação dos historiadores em relação ao pensamento de Ariès é que eles entendiam que era reconhecida uma “natureza específica” da infância. E, ainda, os códigos jurídicos medievais positivaram concessões sobre o status de minoridade da infância. Então não é impossível comprovar que o período medieval ignorava a infância.

Colyn considera indevida a polarização das civilizações a respeito da consciência da infância. Coloca que a Idade Média entendeu o termo de forma própria, que se distingue da nossa, mas não deixa de existir. E pontua que é preciso reconhecer a importância de Ariès para a abertura do termo infância em novos aspectos.

6.2. PERÍODO MODERNO E A INFÂNCIA

O período moderno é marcado pela tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, em 1453, momento no qual acontece a transição do feudalismo para o capitalismo. Uma das preocupações de Ariès era documentar o surgimento de um *sentiment de l'enfance* nesse período. Essa expressão transmite tanto a ideia de uma consciência da infância como de um sentimento em relação a ela.

Colyn cita Pierre Riché (1960) afirmando que, entre os séculos V a VIII, o sistema monástico redescobriu a natureza da criança e sua importância. Nesse

mesmo período, alguns monges consideravam que meninos poderiam ser monges superiores aos adultos.

O contexto do século XIII é de mudanças sociais e econômicas marcadas pela revolução agrária, pelo aumento da população europeia, crescimento do comércio e garantia de segurança do mediterrâneo contra invasores. Além disso, os jovens passaram a ter mais possibilidades de escolha de seus ofícios e carreira.

Todo esse cenário, segundo o historiador David Herlihy (1990), teve como resultado um investimento maior nas crianças, tanto social como psicológico. Essa postura foi fortalecida pelo “renascimento” no século XIII, pois houve um crescimento do humanismo e de um interesse pelo indivíduo. Colyn considera esse contexto como favorável a uma reavaliação da infância.

6.3. SÉCULO VIII E A INFÂNCIA

O filósofo inglês John Locke foi uma das grandes influências para a mudança de atitudes com relação à infância. Colyn explica que Locke projetava a imagem da criança como tábula rasa, que poderia ser moldada e ensinada, entendendo que a educação poderia fazer a diferença na humanidade.

Outra figura de destaque na modificação da infância foi Jean-Jacques Rousseau, pois ele se opôs intensamente à tradição cristã que compreendia a criança como um ser sujo do pecado original. Ele declarou que a criança nascia inocente, mas era fortemente influenciada por todas as relações e instituições sociais nas quais estava inserida. A infância, na concepção de Rousseau, tinha uma forma própria de raciocínio e ela deveria ser respeitada.

Já os românticos percebiam as crianças como seres sábios e sensíveis, e, através da visão iluminista, a infância é um período de preparação para a definição do *self* adulto. O resultado disso foi uma mudança no relacionamento entre adultos e crianças, a criança passava a poder educar quem lhe educava.

6.4. INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Chegou, enfim, a Idade Contemporânea, a qual teve como marco inicial a Revolução Francesa em 1789. Nesse período o capitalismo foi consolidado, houve

um grande desenvolvimento industrial, e, a partir do século XX, uma globalização da economia.

Surgia assim, na América, entre 1870 a 1930, uma compreensão da criança como alguém economicamente sem valor, mas com um valor emocional inestimável. Mas essa compreensão só era real para as famílias de classe média, a classe trabalhadora continuava contando com os salários de seus filhos até a interferência da legislação sobre trabalho infantil e educação compulsória.

Concluimos, enfim, que a história da infância teve diversos marcos e dividiu opiniões, mas que as mudanças sociais influenciaram para que a criança perdesse seu caráter de impura e fosse compreendida como um ser que necessitava de atenção, educação e espaço diferente dos adultos.

7. CULTURA MIDIÁTICA E CRIANÇA

Com o capitalismo consolidado, e ao ganhar esse “valor inestimável”, a criança passou a ser alvo da comunicação, vista como cliente em potencial. Na década de 1930, aconteceu na Alemanha a primeira exibição de TV aberta, e no Brasil, em 1950, houve acesso ao primeiro canal de TV aberta com a TV Tupi. Esse meio de massa foi um dos grandes instrumentos de sedução da publicidade. Mais tarde, a televisão ganhou um primo tão forte quanto, o computador – junto com a internet, eles são ferramentas de estímulo ao consumo.

Com o surgimento desses meios de comunicação, estamos em uma hiper-realidade na qual recebemos um grande número de informações que ultrapassam o concreto e chegam ao virtual. Algumas crianças estabelecem contato e relação com essas tecnologias logo cedo, antes mesmo de falar ou escrever.

Há um estímulo ao consumo quase 24 horas por dia vindo de diversas fontes, gerando uma dependência que quase não é percebida pelo consumidor. E quando esse estímulo é destinado a crianças, a situação é ainda mais delicada.

Autora de mais de 40 livros, Lúcia Santaella (2003) explica a cultura midiática como a cultura do disponível, na qual as tecnologias servem para propiciar a escolha e o consumo individualizado, em oposição ao consumo em massa. Através disso, a mídia influencia na formação e no comportamento social dos espectadores.

Estar diante da televisão e do computador é receber muitas informações como referência de quem se deve ser, de onde se deve chegar, de quais são os modelos sociais disponíveis para se encaixar, criando padrões de beleza e reforçando estereótipos. E não se encaixar, não perceber a presença de alguém que represente alguém “normal” como você, pode ter como consequência a exclusão social.

A publicidade é validada pela sociedade através dos padrões construídos, e ela valida quem está dentro ou fora dos padrões. Porém, a mídia tem uma responsabilidade ética com o que reproduz, pois ela bem sabe que é um dos grandes elementos para a construção social. Um dos objetivos deste trabalho é evidenciar essa responsabilidade a fim de repensar a maneira como a mídia se relaciona, ou ainda ajudar a formar um pensamento crítico no consumidor para não se deixar enganar.

8. CUIDANDO DA INFÂNCIA

O filósofo francês Gilles Brougère (2004) afirma que as crianças aprendem por meio do brincar e explica que a brincadeira é uma construção social, processo das relações, e que pode inclusive ser instrumento de conformismo social, uma forma de as crianças se adaptarem às situações e realidades. É um espaço de invenção, criação, curiosidade e descoberta que deve ser protegido e preservado.

Para seguir, é preciso compreender que, segundo Brougère, a cultura lúdica é uma estrutura complexa formada por brincadeiras coletivas, individuais, geracionais e por ambientes e objetos como brinquedos. Essa cultura se manifesta de diversas formas de acordo com o ambiente no qual a criança se encontra. Ou seja, através do seu próprio universo, a criança tem autonomia cultural, como afirma Clarice Cohn (2005).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia busca cumprir seu papel de fornecer uma identidade para que o sujeito se reconheça, gerando desejos e estimulando o consumo. As crianças parecem alvos mais fáceis devido à fase de formação, e é necessário que haja supervisão de um

adulto para controlar o tempo e mediar a programação a que elas têm acesso. Porém, muitas vezes são elas mesmas que controlam esse fluxo de informações e conteúdo.

Consumir a cultura midiática em fase de formação e ainda sem pensamento crítico pode trazer sérias consequências para a formação de um adulto alienado e consumista. É preciso entender que as crianças possuem cultura e códigos próprios e nós precisamos escutar como elas se sentem e enxergam, para que assim haja uma reavaliação do pensamento e das relações que não só são permitidas como estimuladas em relação às mídias e tecnologias. A educação e o futuro dependem da ação coletiva de pais, escolas, mídia e sociedade.

10. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Alessandra Carlos; CARVALHO, Bárbara Janiques; GUEDES, Brenda Lyra. Tem Criança na platéia...?: Uma discussão sobre o lugar da criança na sociedade de consumo. In: PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris; FERNANDES, Marcio; KURCHAIDT, Sonia (orgs.). **Mídia, cidadania, manifestações culturais e questões de gênero**. Guarapuava: Unicentro, 2010. p.143-158.

COLIN, Heywood. **Uma História da Infância**. São Paulo: Roberto Cataldo Costa, 2004.

SOBRAL, Jaqueline. Mídia, cotidiano e infância: que apropriações crianças em contextos populares fazem em seu dia a dia para a construção de suas visões de mundo e relações afetivas. **Vozes & Diálogo**, Itajaí, v.14, n.01, p.43-51, jan./jun. 2015.

FERREIRA, Marluci Guthiá. Cultura lúdica e cultura midiática na contemporaneidade: o que as crianças pequenas revelam acerca desta relação. **Poliésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Unisul, Tubarão, v.9, n.15, p.132-152, Jan./Jun. 2015.